Cadernos PROGRAD
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS TRANSFORMADORAS
Pró-reitoria de Graduação | PUC Minas
Menção Honrosa
v. 1 | 2026

FINLAB: protagonismo de estudantes presenciais e EaD na aprendizagem ativa, pesquisa e extensão em Economia Financeira

FINLAB: protagonism of in-person and distance education students in active learning, research, and extension in Financial Economics

Édil Carvalho Guedes Filho*
Flávio Constantino Barbosa**
Marcelo Pereira de Mendonça***
Paola Faria Lucas de Souza****

Resumo:
O FinLab (Laboratório de Economia Financeira da PUC Minas) organiza estudantes dos cursos presenciais e EaD de Ciências Econômicas em estrutura progressiva onde o estudante é aprendiz, pesquisador, extensionista e formador de outros estudantes. Organizado em níveis Júnior, Pleno e Sênior, com progressão por desempenho e mentoria entre pares, o laboratório cobre trilhas em educação financeira e mercado financeiro com ferramentas como o TradingView. Entre os resultados: dois grupos aprovados no PIBIC FAPEMIG 2026, terceiro lugar em Challenge de mercado financeiro e ações extensionistas que alcançam escolas, idosos e comunidades em Belo Horizonte e, pela capilaridade do EaD, outras regiões do Brasil. Dada a realidade do baixo letramento financeiro brasileiro, destaca-se a relevância social desta prática onde o estudante é agente principal da mudança.

Palavras-chave: protagonismo estudantil; metodologias ativas; extensão universitária; educação financeira; laboratório de aprendizagem.

Abstract:
The FinLab (Financial Economics Laboratory at PUC Minas) brings together students from the on-campus and distance learning undergraduate Economics programs in a progressive structure in which each student acts as learner, researcher, outreach agent, and peer educator. Organized into Junior, Mid-level, and Senior tiers, with merit-based progression and peer mentoring, the laboratory offers learning tracks in financial education and financial markets, using tools such as TradingView. Outcomes include two research groups selected for the PIBIC/FAPEMIG 2026 undergraduate research program, third place in a financial markets challenge, and extension activities that reach schools, older adults, and communities in Belo Horizonte and, given the wide geographic reach of distance learning, other regions of Brazil. In light of the low levels of financial literacy in Brazil, this practice stands out for its social relevance, positioning students as the main agents of change.

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do curso de Ciências Econômicas Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
** Mestre em Economia pelo CEDEPLAR/UFMG. Professor do curso de Ciências Econômicas Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
*** Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professor do curso de Ciências Econômicas Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
**** Doutora em Economia pela Universidade Federal do Ceará. Professora do curso de Ciências Econômicas. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Publicado em: 10/11/2026

Keywords: student protagonism; active methodologies; university extension; financial education; learning laboratory.

1 INTRODUÇÃO

A educação financeira não é enquadrada como prioridade do ensino básico brasileiro. Por décadas, o tema foi tratado como conteúdo periférico — quando tratado —, deixando a formação financeira dos cidadãos a cargo das famílias, das experiências acumuladas por tentativa e erro ou, mais frequentemente, da ausência de qualquer preparação estruturada. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2018, incorporou a educação financeira como tema transversal, o que representa avanço normativo relevante (Brasil, 2018). Na prática, porém, a implementação depende da capacidade pedagógica de cada escola, da formação dos professores e de recursos que nem sempre estão disponíveis, especialmente nas redes públicas, onde estuda a maioria dos brasileiros em idade escolar. O resultado é que milhões de jovens chegam à universidade, ao mercado de trabalho ou diretamente à vida adulta sem base formal para tomar decisões financeiras que afetarão, de maneira decisiva, sua trajetória: contratos de crédito, financiamentos, seguros, previdência, investimento de pequenas reservas.

É nessa lacuna que a Universidade encontra uma oportunidade e uma responsabilidade simultâneas. Os cursos de Ciências Econômicas formam profissionais com as ferramentas analíticas para compreender o sistema financeiro em sua complexidade, mas a extensão universitária amplia esse mandato para além dos próprios estudantes. Quando um curso de Economia mobiliza seus alunos para atuar como agentes de educação financeira em escolas, comunidades, paróquias e grupos de idosos, não está apenas cumprindo uma exigência curricular: está colocando o conhecimento especializado a serviço de transformações reais na vida de pessoas que o sistema educacional formal ainda não alcançou. É nesse sentido que o FinLab (Laboratório de Economia Financeira da PUC Minas) representa uma proposta pedagógica que vai além da formação técnica de economistas: ele foi concebido para que o ensino de ponta em mercado financeiro e a educação financeira acessível se complementem, modificando a trajetória dos estudantes, alcançando suas famílias e entorno e chegando às comunidades atingidas pelas ações extensionistas.

Os dados mundiais e brasileiros confirmam a urgência dessa proposta. Segundo o S&P Global FinLit Survey — um dos maiores levantamentos mundiais sobre o tema —, em 2015 apenas 33% dos adultos no mundo dominavam conceitos financeiros básicos, o que significa que cerca de 3,5 bilhões de pessoas careciam de conhecimentos elementares sobre inflação, juros e diversificação de risco

(Klapper; Lusardi; Van Oudheusden, 2015). Em levantamento mais recente, o *OECD/INFE International Survey of Adult Financial Literacy* (Organisation for Economic Co-operation and Development, 2023), cobrindo 39 países, indica que apenas 34% dos adultos atingem o escore mínimo considerado satisfatório para conhecimentos de educação financeira (Organisation for Economic Co-operation and Development, 2023). No Brasil, a situação expõe traços críticos: de acordo com o *Mapa da Inadimplência* da Serasa Experian, o Brasil registrou, em junho de 2026, 83,7 milhões de adultos com ao menos uma conta em atraso, o maior número da série histórica, após 18 meses consecutivos de crescimento (Serasa Experian, 2026b). A 9ª edição do Raio X do Investidor Brasileiro, realizada pela ANBIMA em parceria com o Datafolha, revela o substrato desse cenário: apenas 21% da população brasileira já participou de alguma forma estruturada de educação financeira — aula, curso, treinamento ou palestra (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais, 2025). Não se trata de coincidência: o endividamento crônico e a ausência de formação financeira compartilham raízes comuns, e os dados seguem essa relação.

O problema, porém, não se concentra em uma única faixa etária ou grupo social. Crianças em fase escolar recebem pouca ou nenhuma orientação sobre dinheiro, crédito ou consumo consciente. Jovens chegam ao mercado de trabalho sem compreender contratos de crédito, taxas de juros ou a diferença entre poupança e investimento. Adultos operam no sistema financeiro tomando decisões de grande impacto — financiamentos, seguros, previdência — com informações fragmentadas ou distorcidas. Idosos tornaram-se alvo frequente de fraudes e golpes financeiros precisamente pela combinação entre renda de aposentadoria relativamente estável e baixa familiaridade com os mecanismos do sistema financeiro contemporâneo. Esse quadro intergeracional define com precisão o campo de atuação do FinLab — e explica por que um laboratório universitário de Economia Financeira não pode se limitar a servir apenas seus próprios estudantes.

Às universidades cabe uma responsabilidade específica nesse cenário, de não apenas formar economistas tecnicamente competentes, mas produzir profissionais e cidadãos que compreendam os impactos sociais do sistema financeiro e sejam capazes de atuar para reduzir suas assimetrias. O desafio está em como fazer isso de forma que não se restrinja às paredes das salas de aula ou ao raio geográfico de um único campus. É aqui que a aposta pedagógica pelo protagonismo estudantil e pelas metodologias ativas se torna central: quando o estudante deixa de ser receptor passivo de conteúdo e passa a ser agente de aprendizagem — que pesquisa, que intervém, que ensina —, os efeitos dessa formação transbordam para além da Universidade. O estudante que aprende a ensinar carrega esse aprendizado consigo, e cada comunidade que ele alcança é um elo a mais numa corrente de impacto que o ensino convencional raramente produz.

O FinLab (Laboratório de Economia Financeira da PUC Minas) foi criado precisamente desta proposta. Aprovado pela Pró-Reitoria de Graduação em 2024 a partir da escuta ativa de estudantes e gestores dos cursos de Economia, o laboratório agrega estudantes dos três cursos de Ciências Econômicas da PUC Minas: o presencial do Campus Coração Eucarístico, o presencial do Campus Lourdes e o curso EaD — este com estudantes distribuídos por municípios de diferentes regiões do Brasil e também em algumas localidades no mundo. Essa composição plural confere ao laboratório capilaridade territorial real: as ações extensionistas que partem do FinLab chegam a escolas, comunidades paroquiais e grupos de idosos não apenas em Belo Horizonte, mas com potencial de expansão para onde quer que os membros do FinLab estejam. Além das intervenções presenciais, o laboratório mantém presença ativa no Instagram e realiza lives abertas à comunidade acadêmica, ampliando o alcance das suas ações para públicos que programas apenas *campus-based* teriam dificuldade em alcançar.

Este trabalho tem como objetivo apresentar e analisar o FinLab como experiência pedagógica inovadora que articula ensino ativo, pesquisa aplicada e extensão universitária, tendo as metodologias ativas e o protagonismo estudantil como eixo central de sua concepção e funcionamento.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

O Departamento de Ciências Econômicas da PUC Minas oferece três cursos de Ciências Econômicas com lógicas de oferta distintas: o curso presencial do Campus Coração Eucarístico, o curso presencial do Campus Lourdes e o curso na modalidade EaD, cujos estudantes estão distribuídos por municípios de diferentes regiões do Brasil e do mundo. Embora compartilhem base curricular similar — adaptada às especificidades de cada modalidade — os três cursos atendem perfis estudantis marcadamente heterogêneos, em termos de faixa etária, inserção profissional, localização geográfica e relação prévia com o mercado financeiro. Essa heterogeneidade, porém, não é aleatória: é possível notar que uma parcela expressiva dos estudantes que procuram os cursos de Economia da PUC Minas o faz movida por dois anseios que, à primeira vista, parecem distintos, mas que o bom ensino de Economia revela como complementares. O primeiro é o interesse pelo mercado financeiro — a análise de investimentos, a gestão de portfólios, os instrumentos de crédito e os mecanismos de precificação de ativos. O segundo é o interesse pelas políticas econômicas que incidem sobre questões sociais concretas — pobreza, desigualdade, vulnerabilidade, sustentabilidade. Estudantes que chegam almejando ser analistas de renda variável convivem, no mesmo curso, com estudantes que chegam desejando trabalhar em políticas públicas de habitação ou em organizações voltadas à educação

financeira de populações de baixa renda. Essa pluralidade de projetos profissionais é, ao mesmo tempo, um desafio curricular e uma riqueza que o FinLab aprendeu a mobilizar: quando alunos orientados ao mercado e alunos orientados à política social conduzem juntos uma ação extensionista, há grande potencial de os dois saírem transformados pela experiência.

O laboratório opera com sede física no Campus Lourdes e atua presencialmente também no Campus Coração Eucarístico, utilizando infraestrutura digital para garantir a participação integrada dos estudantes EaD. Sua coordenação é exercida pela Prof.ª Paola Faria Lucas de Souza, com suporte ativo do Prof. Flávio Constantino Barbosa, ambos do Departamento de Ciências Econômicas. A estrutura de membros — denominados FinLabers — organiza-se em três níveis de progressão: Júnior, Pleno e Sênior. Cada nível carrega atribuições, responsabilidades e expectativas de formação crescentes, e a progressão entre eles não é automática: depende de desempenho verificável nas trilhas formativas, de engajamento nas ações do laboratório e da avaliação dos membros mais experientes. Salienta-se que essa arquitetura de progressão não foi concebida como mecanismo burocrático de controle, mas como estrutura deliberada de desenvolvimento: ela cria, em cada nível, o desafio adequado ao estágio de formação do estudante, evitando tanto a subutilização dos mais avançados quanto a sobrecarga dos ingressantes.

A justificativa institucional para o laboratório é também concreta: a PUC Minas está em processo de construção de novos laboratórios do ICEG (Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais) no Prédio 49, no Campus Coração Eucarístico, o que consolidará a infraestrutura física necessária para a continuidade e ampliação das atividades. Esse investimento institucional não é circunstancial, sinaliza o reconhecimento de que espaços de formação prática representam um desafio a ser vencido sendo então uma aposta estratégica do Instituto.

A motivação que originou o FinLab merece ser narrada com precisão, porque ela é constitutiva da identidade do laboratório. Docentes e discentes dos cursos de Economia compartilhavam uma percepção específica: o currículo formal dos cursos é robusto em sua estrutura teórica, cumprindo mais que as DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais), cobre tópicos avançados desde Microeconomia, Macroeconomia, História do Pensamento Econômico até Econometria, Teoria Monetária e Finanças Corporativas, mas a relação entre esse arcabouço teórico e a prática real do mercado financeiro poderia ser ainda mais rica.

Com o laboratório estudantes que concluem disciplinas de avaliação de ativos podem operar uma plataforma de análise técnica. Estudantes que estudam teoria de portfólios podem construir um modelo de otimização com dados reais. Estudantes que compreendem os fundamentos do CAPM (Modelo de precificação de Ativos financeiros) podem aplicar o modelo a uma empresa concreta com

dados do mercado brasileiro. Essa aproximação e da teoria e prática com uma aproximação com o mercado de trabalho é uma motivação em essência do formato Laboratório do FinLab. A essa motivação pedagógica somou-se outra, de natureza social, igualmente constitutiva: a compreensão de que o conhecimento financeiro acumulado nesses cursos tem potencial de transformar não apenas a trajetória profissional dos próprios estudantes, mas a realidade financeira das comunidades ao seu redor. Famílias de estudantes que nunca tiveram acesso a orientação financeira qualificada, idosos vulneráveis a diversos riscos financeiros como golpes e fraudes, jovens em escolas públicas sem nenhuma base para as decisões financeiras que já estão tomando — todos esses grupos representam demandas reais que uma Universidade com cursos de Economia tem base forte para atender, desde que organize seus estudantes para isso. O FinLab surgiu, portanto, como espaço de formação complementar, intencional e transformadora — não como apêndice dos cursos, mas como extensão viva de seu propósito.

3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

3.1 Metodologias ativas: fundamento e pertinência no ensino de Economia Financeira

O conceito de metodologias ativas designa um conjunto diverso de estratégias pedagógicas que têm em comum um deslocamento fundamental: do professor (como centro e transmissor do saber), para o estudante, que assume posição ativa na construção do conhecimento (Berbel, 2011). Trata-se de uma mudança que não é apenas organizacional, mas epistemológica, em que o conhecimento deixa de ser tratado como objeto a ser transferido e passa a ser compreendido como construção que ocorre na ação, na reflexão sobre a ação e na interação com outros sujeitos. Berbel (2011) caracteriza as metodologias ativas como estratégias que implicam a ação intencional do aluno sobre o objeto de aprendizagem, gerando engajamento cognitivo que os modelos expositivos raramente produzem. Moran (2018) identifica nessa abordagem um repertório amplo de formatos: aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem baseada em projetos, sala de aula invertida, instrução por pares, ensino híbrido. Todos estes formatos orientados por um princípio comum em que o estudante aprende de forma mais profunda quando enfrenta problemas reais que exigem investigação, decisão e produção de respostas originais.

No contexto específico da formação em Economia Financeira, esse argumento adquire uma dimensão adicional que merece ser nomeada. Os mercados financeiros não são estáticos. Taxas de juros mudam, modelos de precificação são revisados, novas classes de ativos surgem, regulações se

transformam. Trazendo a prática do FinLab para agregar a um currículo que transmite conteúdos consolidados anseia formar profissionais adequados para o mercado de hoje, mas também preparados para o de amanhã. O que as metodologias ativas desenvolvem é a capacidade de aprender a aprender: de identificar uma questão relevante, de buscar os dados necessários para respondê-la, de construir um argumento fundamentado e de comunicá-lo com clareza a interlocutores diferentes. É possível notar que um estudante que saiu do FinLab sabendo analisar dados de mercado com Python, conduzir pesquisa com rigor metodológico e explicar planejamento financeiro a um grupo da sociedade está potencialmente mais preparado para uma carreira longa do que aquele que dominou fórmulas que o mercado já terá atualizado. O FinLab opera, portanto, como espaço de desenvolvimento das competências que as metodologias ativas produzem enriquecendo e potencializando o ensino convencional.

3.2 Extensão universitária como dimensão pedagógica: o que a normativa define e o FinLab concretiza

A Política Nacional de Extensão Universitária, elaborada pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (2012, p. 15), define que “extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade”. Essa definição articula cinco princípios orientadores: interação dialógica, interdisciplinaridade e interprofissionalidade, indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, impacto na formação do estudante e impacto e transformação social. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, [2026]), em seu artigo 43, inciso VII, reforça esse mandato ao estabelecer que as instituições de educação superior, têm entre suas finalidades "promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição." A extensão, nessa perspectiva é dimensão constitutiva da missão universitária.

O que distingue o FinLab, nesse quadro normativo, é que ele não se limita a cumprir os princípios da extensão, operacionalizando regulações, ele os opera como escolhas pedagógicas ativas, integradas à lógica formativa do laboratório e que observam as diretrizes do Projeto Pedagógico do Curso. O princípio da interação dialógica, que Paulo Freire (1996) identifica como condição de qualquer prática educativa genuinamente emancipatória, funciona na estrutura de escuta que antecede cada intervenção, o laboratório não chega às comunidades com respostas prontas, mas com perguntas:

quais são as necessidades financeiras específicas deste grupo? Que linguagem é adequada? Que temas são urgentes? Quando um FinLaber chega a uma paróquia ou a uma escola, não chega com o saber financeiro como certificado de autoridade, chega como mediador que reconhece, nos saberes e nas dúvidas dos outros, o ponto de partida de uma aprendizagem genuína. Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos (Freire, 1996). É exatamente esse respeito que diferencia uma intervenção educativa de uma palestra informativa, e que a preparação das ações extensionistas do FinLab busca garantir.

O princípio do impacto na formação do estudante é verificável nos próprios FinLabers, quem sai para conduzir uma oficina com idosos ou levar planejamento financeiro a uma escola pública não volta com o simples registro de uma atividade cumprida. Volta com a experiência de traduzir conhecimento técnico em linguagem acessível, de adaptar o discurso ao interlocutor, de lidar com resistências e perguntas que nenhuma prova ou seminário formal antecipa. Essa competência de mediação, entre o saber especializado e o saber vivido, é uma das mais requisitadas nos campos profissional e acadêmico, e o FinLab a desenvolve de forma sistemática. O princípio da interdisciplinaridade manifesta-se na convergência que o laboratório mobiliza, embora ancorado na Economia Financeira, suas ações extensionistas articulam saberes de comunicação, psicologia do comportamento financeiro, pedagogia e tecnologia. Quanto ao impacto e transformação social, os dados de abertura deste trabalho contextualizam sua urgência, com mais de 74 milhões de brasileiros inadimplentes (Serasa Experian, 2026a) e apenas 21% da população com acesso a alguma forma de educação financeira estruturada (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais, 2025), cada intervenção do FinLab em uma escola ou grupo de idosos representa uma contribuição concreta à redução de uma assimetria de longa data.

3.3 Aprendizagem experiencial e a progressão *scaffolded*[*]

A aprendizagem experiencial, tal como formulada por Dewey (2023) e operacionalizada em Kolb (2014) em quatro etapas (experiência concreta, observação reflexiva, conceitualização abstrata e experimentação ativa), fundamenta a estrutura de trilhas e progressão do laboratório. Cada nível de formação, do Júnior ao Sênior, corresponde a um momento específico desse ciclo: o estudante parte da experiência prática com ferramentas e conceitos, reflete sobre ela com apoio teórico, sistematiza

[*] Refere-se ao método de ensino que direciona maior suporte no início de desafios ou tarefas complexa e reduz essa ajuda de forma gradual, levando logicamente e com apoio o aluno ao desenvolvimento de autonomia.

o aprendizado e retorna à prática em nível mais elevado de complexidade e autonomia. O FinLaber que, como Júnior, participou de sua primeira ação de educação financeira como observador e, como Sênior, a coordenou e percorreu esse ciclo de forma completa. A recorrência é pedagogicamente decisiva: o ciclo de Kolb (2014) produz aprendizagem quando repetido com variação, cada novo contexto obriga o estudante a adaptar o que aprendeu, e essa adaptação é o que consolida a competência.

Moran (2015) aponta que a aprendizagem significativa emerge quando o estudante é colocado diante de desafios reais que demandam investigação, colaboração e tomada de decisão. O FinLab opera nessa lógica: as trilhas formativas, os grupos de pesquisa e as ações extensionistas não são atividades paralelas ao currículo, são o currículo em movimento, aplicado a problemas que o mercado e a sociedade apresentam em tempo real. Salienta-se que a parceria com o TradingView ® exemplifica essa opção pedagógica de forma concreta: ao garantir aos FinLabers acesso a uma plataforma de análise técnica e fundamentalista utilizada por analistas profissionais, o laboratório diminui a distância entre o ambiente simulado do estudo e o ambiente real de trabalho. O estudante não aprende sobre o mercado, aprende no mercado, com ferramentas e dados com que atuará na vida profissional.

3.4 Comunidades de prática e aprendizagem horizontal

A estrutura Júnior-Pleno-Sênior do FinLab corresponde ao que Lave e Wenger (1991) denominam comunidade de prática: um grupo de pessoas que compartilham uma área de interesse ou de atuação, desenvolvem conhecimento de forma coletiva e aprendem pela participação progressiva nas práticas do grupo. O conceito central dos autores, participação legítima periférica (*legitimate peripheral participation*), descreve exatamente o percurso do membro Júnior: ao ingressar no laboratório, participa das atividades de forma periférica, observando e colaborando em tarefas acessíveis ao seu estágio, enquanto absorve os valores, os métodos e os padrões da comunidade. À medida que avança para os níveis Pleno e Sênior, sua participação torna-se progressivamente mais central e autônoma. Esse modelo de aprendizagem horizontal e progressiva, ancorado na convivência com práticas reais e com praticantes mais experientes, é uma das contribuições do FinLab à formação dos estudantes de Economia.

A mentoria entre pares, uma expressão mais visível dessa dinâmica, encontra respaldo adicional em Vigotski (1998) e no conceito de zona de desenvolvimento proximal: o aluno Sênior que orienta Plenos e Juniores não apenas transmite conteúdo, mas reconfigura e aprofunda o próprio

conhecimento ao ensiná-lo. Pimenta e Anastasiou (2014) reconhecem essa estratégia como potente na docência universitária, e o FinLab a opera de forma sistemática. Destaca-se que essa estrutura de mentoria não foi imposta apenas por um mecanismo administrativo, ela emerge da dinâmica do laboratório, os estudantes mais experientes acabam ajudando nas demandas dos ingressantes, evidenciando o protagonismo estudantil genuíno. O laboratório aplica a teoria da zona de desenvolvimento proximal e também a produz a partir das relações que os próprios estudantes constroem.

3.5 Autenticidade, alcance comunicacional e pesquisa como formação

Uma dimensão do referencial teórico-metodológico que merece tratamento próprio é a que conecta o FinLab à ideia de ambientes autênticos de aprendizagem, os espaços onde os problemas enfrentados são reais, os instrumentos são os mesmos do mundo profissional e as audiências das produções estudantis extrapolam os limites da avaliação acadêmica.

Mendonça (2018) argumenta que o desafio na aprendizagem baseada em projeto, contribui para o entendimento, sendo que a preparação para uma apresentação dos resultados a uma audiência real, por si só, uma situação de aprendizagem. É nesse sentido que o FinLab mantém presença ativa no Instagram e realiza lives abertas à comunidade acadêmica e ao público em geral: o conteúdo produzido pelos FinLabers não circula apenas dentro do laboratório, ele se exterioriza, é avaliado por audiências reais, e essa exposição é em si uma experiência formativa que desenvolve competências de comunicação pública do conhecimento raramente presentes na graduação formal. A comunicação do saber financeiro em linguagem acessível é, nesse sentido, não apenas uma extensão das atividades do laboratório, mas uma dimensão pedagógica própria, que forma o economista capaz de falar não apenas para pares, mas para a sociedade.

Por fim, a dimensão da pesquisa aplicada, expressa na aprovação de dois grupos no PIBIC FAPEMIG 2026, ancora-se no que a literatura pedagógica identifica como aprendizagem baseada em investigação (Moran, 2018), na qual o estudante desenvolve competências cognitivas desejáveis (como formulação de hipóteses, coleta e análise de dados, revisão crítica da literatura, argumentação), ao conduzir investigação original sobre problemas relevantes (Andrade; Sartori, 2018). O percurso dos grupos de pesquisa do FinLab, desde a identificação do tema até a aprovação em edital competitivo, é a demonstração prática de que metodologias ativas, quando bem estruturadas, produzem não apenas engajamento, mas resultado acadêmico verificável.

4 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA

O funcionamento do FinLab estrutura-se em três dimensões interdependentes — formação por trilhas, pesquisa aplicada e extensão universitária —, às quais se soma uma quarta dimensão transversal: a comunicação e o alcance em rede. Essas dimensões não operam em sequência, mas em simultaneidade, o que confere ao laboratório seu caráter genuinamente transformador.

4.1 Formação por trilhas, suporte às disciplinas e parcerias

As trilhas de nivelamento e progressão organizam a formação dos FinLabers em percursos estruturados que vão do básico ao avançado, cobrindo educação financeira, mercado financeiro, análise técnica e fundamentalista, Python aplicado às finanças, gestão de portfólios e econometria. Os membros Júnior percorrem trilhas introdutórias obrigatórias, avaliadas com nota mínima de 60% para progressão. Os membros Plenos aprofundam ferramentas e desenvolvem projetos com maior autonomia. Os Sêniores assumem a liderança de subgrupos de pesquisa, a condução de treinamentos e a mentoria a demais membros.

O FinLab não opera como espaço paralelo e desconectado do currículo formal: atua também como suporte ativo às disciplinas de Finanças dos cursos de Economia, funcionando como laboratório de prática que complementa o conteúdo teórico das aulas. Estudantes que frequentam o laboratório chegam às disciplinas com maior familiaridade com ferramentas e terminologia de mercado, o que eleva o nível das turmas e abre espaço para discussões mais avançadas em sala de aula.

Nessa dimensão formativa, salienta-se a parceria firmada com o TradingView — plataforma de análise de mercado utilizada por investidores e analistas profissionais ao redor do mundo —, que garante aos FinLabers acesso a dados, gráficos e ferramentas de análise técnica e fundamentalista em nível compatível com o mercado real. Essa parceria não é apenas um benefício de acesso: é um componente pedagógico que reduz a distância entre a formação universitária e a prática profissional, colocando os estudantes em contato com o mesmo ambiente informacional que poderão encontrar após a graduação.

Em fase avançada de negociação, o acordo com a — Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA) — prevê vantagens para que os FinLabers possam acessar certificações de mercado financeiro entre as mais requisitadas pelos empregadores da área. Essa parceria, quando concluída, fortalecerá simultaneamente a empregabilidade dos estudantes e o posicionamento institucional do laboratório.

4.2 Pesquisa aplicada

Na dimensão da pesquisa aplicada, o FinLab organizou grupos temáticos orientados por membros Sêniores, cobrindo temas como bolhas financeiras e educação financeira, lavagem de dinheiro, análise técnica, estratégias de longo prazo em ações, investigações de causas de elevações de preços de ativos com valorações temporárias alta (como foi o caso do ouro) e otimização de carteiras com Python. Em 2026, dois grupos foram aprovados no PIBIC FAPEMIG — reconhecimento formal da qualidade investigativa desenvolvida dentro do laboratório por estudantes que, em sua maioria, chegaram ao FinLab sem experiência prévia em pesquisa. E ainda, membros Plenos e Sêniors estão organizados em grupos de pesquisa estruturados, com um mentor principal e temas relevantes sendo levantados e discutidos em grupo.

4.3 Extensão universitária e alcance comunitário

Na dimensão da extensão universitária, o FinLab desenvolveu intervenções em diferentes contextos e públicos. Alunos realizaram ações de educação financeira com estudantes de escolas de Belo Horizonte, contribuindo para a desmistificação do mercado financeiro junto a jovens em formação. Em parceria com a PROEX da PUC Minas, o laboratório participou de ações na paróquia da região, levando conteúdos de planejamento financeiro e investimentos básicos para comunidades locais. No próprio campus, FinLabers conduziram oficinas voltadas a grupos de idosos — população especialmente vulnerável a fraudes financeiras e que frequentemente gerencia recursos de aposentadoria sem orientação adequada. Todas essas ações contaram com o apoio e supervisão dos professores do laboratório.

O engajamento dos estudantes nessas ações não é periférico ao laboratório: é constitutivo da sua identidade.

4.4 Comunicação, redes sociais e lives

Uma dimensão transversal do FinLab que merece atenção é sua atuação comunicacional, que multiplica o alcance das ações para além dos campi físicos. O laboratório mantém presença ativa no Instagram, produzindo conteúdo de educação financeira voltado à comunidade acadêmica e ao público em geral — ampliando o impacto para uma audiência que transcende os limites institucionais.

Além disso, o FinLab realiza lives periódicas com temas relevantes para a comunidade acadêmica e para o mercado, criando espaço de atualização que complementa a formação formal e conecta os FinLabers às discussões mais recentes. Salienta-se que essa presença digital não é decorativa: ela integra a proposta formativa do laboratório, que reconhece na comunicação pública do conhecimento financeiro uma competência relevante para o economista contemporâneo.

4.5 Parceria e integração

Um exemplo particularmente ilustrativo dessa dinâmica foi o curso de análise técnica e fundamentalista conduzido pela aluna Ana Luiza, membro Sênior do FinLab, em parceria com a professora coordenadora, de forma presencial no Campus Lourdes. A atividade reuniu estudantes dos três cursos: alunos do Campus Coração Eucarístico, do Campus Lourdes e alunos do curso EaD, que participaram presencialmente. Uma estudante ensinando seus pares, atravessando fronteiras de campus e modalidade, com o conteúdo como elo e o laboratório como território comum. Esse episódio condensa, em uma única atividade, o que o FinLab propõe como prática.

Neste mesmo sentido os alunos Plenos e Sêniors, divididos em áreas de pesquisa, estudam conteúdos e trazem de forma completa para dividir com todo o grupo e debater, em um sistema de construção e debate rico, onde há espaço para mentorar e ao mesmo tempo debater sobre assuntos contemporâneos estudados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados do FinLab, em seus primeiros dois anos de funcionamento, distribuem-se em múltiplas dimensões que vão além das métricas convencionais de ensino superior.

Em sentido mais amplo, o potencial de geração de transbordamentos (externalidades) para toda a comunidade — decorrentes do conhecimento construído e compartilhado no laboratório, bem como de suas ações externas — constitui um dos seus resultados intrínsecos, ainda que não diretamente mensurável, dada a ampla capilaridade e o poder de transformação que a educação, e seus efeitos, exercem sobre o entorno do agente econômico por ela alcançado.

No campo da pesquisa, a aprovação de dois grupos no PIBIC FAPEMIG 2026 é indicador expressivo. Estudantes de graduação que chegaram ao laboratório sem experiência formal em pesquisa e que desenvolveram projetos com rigor metodológico suficiente para aprovação em edital competitivo, sendo um resultado pedagógico significativo.

O reconhecimento externo emblemático do período foi o 3º lugar no Challenge Ágora Academy do Bradesco. A equipe reuniu estudantes de diferentes perfis — Pedro Lucas Santana, Vinícius Leite Moreira e Gilberto Italo Martins Pinheiro da Silva, este último aluno do curso EaD, portador de deficiência e residente em Portugal, que se deslocou ao Brasil especificamente para a etapa presencial da competição. Que um estudante EaD, PCD, com as barreiras geográficas e de acessibilidade que carrega, tenha feito esse trajeto por uma atividade desta dimensão, é evidência concreta do conhecimento e vinculo que o FinLab construiu à distância. O Laboratório vê, na realização de Clallenges uma grande oportunidade de evidenciar e empoderar o aluno, quanto ao conhecimento de qualidade, que tem sido construído a várias mãos, tendo os alunos como o protagonista do processo.

A integração entre as três modalidades dos cursos de Economia confirmou-se na prática. O curso ministrado pela aluna Ana Luiza reuniu estudantes dos três cursos em um mesmo espaço pedagógico, promovendo trocas que dificilmente ocorreriam no âmbito das disciplinas regulares. Essa porosidade entre modalidades é um dos aspectos mais originais do FinLab: um laboratório que não pertence a nenhum campus em particular, mas a todos eles ao mesmo tempo, sem limitações geográficas, na medida em que seus membros EaD estão espalhados pelo território nacional e internacional.

No campo das parcerias, destaca-se o avanço no eixo de instrumentação profissional: o TradingView já garante aos FinLabers acesso a ferramentas de nível profissional, e o acordo em desenvolvimento com a ANBIMA, quando concluído, representará um passo significativo no eixo de certificação e empregabilidade.

Entre os desafios, salienta-se a necessidade de infraestrutura tecnológica mais robusta — softwares como Bloomberg Terminal permanecem fora do alcance institucional — e a limitação no quantitativo de professores disponíveis para supervisionar o volume crescente de atividades. Ambos os desafios são de crescimento: indicam que o laboratório construiu demanda que excede sua capacidade atual.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O FinLab demonstra que é possível, no âmbito de um departamento de Economia, criar espaços onde o protagonismo estudantil não é retórica, mas prática verificável. Estudantes que chegam ao laboratório como aprendizes tornam-se, ao longo do percurso formativo, pesquisadores, extensionistas, formadores de outros estudantes e participantes de competições nacionais.

A experiência evidencia que a integração entre modalidades (presencial e EaD) é uma oportunidade pedagógica genuína. Quando estudantes de diferentes campi e de municípios espalhados pelo Brasil compartilham um laboratório, aprendem não apenas conteúdo financeiro, mas a diversidade de trajetórias que caracteriza a formação em Economia na contemporaneidade. Essa capilaridade, que agrega Belo Horizonte e o restante do Brasil em um mesmo espaço formativo, transforma o FinLab em ponto de convergência de experiências que nenhuma disciplina isolada poderia reunir.

Como perspectivas de continuidade, o FinLab projeta a consolidação de suas trilhas em estrutura formalmente reconhecida, a ampliação das parcerias extensionistas, a busca por infraestrutura tecnológica complementar e o fortalecimento dos grupos de pesquisa aprovados no PIBIC. A parceria em desenvolvimento com a ANBIMA, se concluída conforme o esperado, representará avanço expressivo no eixo de certificação e empregabilidade. A consolidação do Departamento de Ciências Econômicas da PUC Minas como referência em Economia Financeira em Minas Gerais é uma construção que os próprios estudantes fazem, quotidianamente, como agentes principais deste processo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Julia Pinheiro; SARTORI, Juliana. O professor autor e experiências significativas na educação do século XXI: estratégias ativas baseadas na metodologia de contextualização da aprendizagem. *In*: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. Cap. 8.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS. **Raio X do Investidor Brasileiro**. 9. ed. São Paulo: ANBIMA, 2025. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-brasileiro.htm. Acesso em: 5 ago. 2026.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [2026]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 5 ago. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 5 ago. 2026.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. Petrópolis: Vozes, 2023. 152 p. ISBN 978-65-571-3997-4.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS

BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: FORPROEX, 2012. Disponível em: https://proex.ufpr.br/files/2017/11/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf. Acesso em: 5 ago. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia***:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLAPPER, Leora; LUSARDI, Annamaria; VAN OUDHEUSDEN, Peter. **Financial literacy around the world***:* insights from the Standard & Poor's Ratings Services Global Financial Literacy Survey. Washington: World Bank; GFLEC, 2015. Disponível em: https://gflec.org/wp-content/uploads/2015/11/Finlit_paper_16_F2_singles.pdf. Acesso em: 5 ago. 2026.

KOLB, David A. **Experiential learning***:* experience as the source of learning and development. 2. ed. Upper Saddle River: Pearson, 2014.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning***:* legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MENDONÇA, Helena Andrade. Construção de jogos e uso de realidade aumentada em espaços de criação digital na educação básica. *In*: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. Cap. 6.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (Orgs.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania***:* aproximações jovens. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. p. 15-33.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. *In*: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **OECD/INFE 2023 International Survey of Adult Financial Literacy**. Paris: OECD, 2023. Disponível em: https://www.oecd.org/financial/education/2023-infe-international-survey-of-adult-financial-literacy.pdf. Acesso em: 5 ago. 2026.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SERASA EXPERIAN. 10 anos do Mapa da Inadimplência. São Paulo: Serasa Experian, 2026a. Disponível em: https://www.serasa.com.br/imprensa/10-anos-do-mapa-de-inadimplencia/. Acesso em: 1 ago. 2026.

SERASA EXPERIAN. **Mapa da Inadimplência e Renegociação de Dívidas no Brasil***:* junho de 2026. São Paulo: Serasa Experian, 2026b. Disponível em: https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/mapa-da-inadimplencia-e-renogociacao-de-dividas-no-brasil/. Acesso em: 1 ago. 2026.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente***:* o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/1-mackenzie/universidade/pro-reitoria/graduacao-assuntos-acad/forum/X_Forum/LIVRO.VYGOTSKY.FORMACAO.MENTE.pdf. Acesso em: 5 ago. 2026.